

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
À FLOR DA PELE
21 de Agosto de 2025

JOHNNY GOT HIS GUN / 1971

E Deram-lhe Uma Espingarda

Um filme de Dalton Trumbo

Realização: Dalton Trumbo / **Argumento:** Dalton Trumbo, a partir do seu romance homónimo/ **Fotografia:** Jules Brenner / **Direcção Artística:** Harold Michelson / **Montagem:** Millie Moore/ **Música:** Jerry Fielding / **Efeitos Especiais:** Dick Williams / **Intérpretes:** Timothy Bottoms (Joe Bonham), Kathy Fields (Karen, a noiva), Marsha Hunt (mãe de Joe), Jason Robards (pai de Joe), Donald Sutherland (Cristo), Diane Varsi (a enfermeira), Milton Barnes, Don «Red» Barry, Craig Bovia, Peter Brocco, Judy Howard Chaikin, Edward Franz, Charles McGraw, etc.

Produção: Bruce Campbell/ **Cópia:** DCP, falado em inglês, legendado em castelhano e eletronicamente em português / **Duração:** 111 minutos/ **Estreia Mundial:** Festival de Cannes de 1971/ **Estreia em Portugal:** Quarteto em 1976.
Prémio Especial do Júri do Festival de Cannes de 1971

A sessão é apresentada na Esplanada 39 Degraus

Dalton Trumbo (1905-1976) é um nome bastante famoso no mundo do cinema, o que não significa que seja...conhecido. A notoriedade deve-se ao facto de ter sido um dos “Dez de Hollywood”, personalidades do cinema que se recusaram a prestar depoimentos face ao HCUA (House Committee of Unamerican Activities, dirigido por J. Parnell Thomas e onde pontificaram, como inquisidores, Joseph McCarthy, que nos anos 50 tomariam a direcção dos inquéritos, e Richard Nixon, futuro presidente dos EUA). Os “10”, que incluíam, para além de Trumbo, Lester Cole, Ring Lardner e o realizador Edward Dmytryk (que depois se tornaria “testemunha”), entre outros, sofreram penas de prisão e foram incluídos numa “lista negra” o que significava ficarem sem trabalho em Hollywood. Trumbo, argumentista desde os anos 30 (entre outros filmes que até então tinha escrito destacam-se **Five Came Back/Voltaram Cinco**, de John Farrow [1939], **Kitty Foyle/A Rapariga da Gola Branca**, de Sam Wood-1940, que lhe valeu uma nomeação para o Óscar, **A Guy Named Joe/Um Certo Rapaz** de Victor Fleming [1943], e **Tender Comrade/Companheiras Adoráveis** de Edward Dmytryk [1943], filme que serviria de “peça de acusação” contra Trumbo, acusado de transmitir mensagem comunista!), exilado no México após ter sido libertado, teve de recorrer a pseudónimos e “testas de ferro” (o filme de Martin Ritt, **The Front/O Testa de Ferro**, com Woody Allen expõe a situação de forma bem pertinente) para arranjar trabalho. Nesta condição ele escreveu o argumento de filmes como **Gun Crazy/Mortalmente Perigosa** de Joseph H. Lewis (1949), **The Prowler/O Cúmplice das Sombras** de Joseph Losey (1951), **He Ran All the Way/Desafio à Morte** de John Berry, **The Court Martial of Billy Mitchell/Conselho de Guerra**, de Preminger (1955), **The Brothers Ricco/Irmãos e Assassinos** de Phil Karlson (1957) e **Cowboy/Como Nasce Um Bravo**, de Delmer Daves. Foi também personagem de um episódio sugestivo: após a atribuição em 1957 do Óscar do

melhor argumento por **The Brave One/O Rapaz e o Touro** de Irving Rapper a um tal Robert Rich descobriu-se que este era um pseudónimo de Trumbo. Outro Óscar que ganhou, sob pseudónimo, foi pela história de **Roman Holiday/Férias em Roma** de William Wyler (1953), que só lhe foi reconhecido postumamente, em 1992. Trumbo só voltaria a ter o nome nos genéricos a partir de 1960, graças a Kirk Douglas e Otto Preminger que exigiram a inclusão do nome do argumentista de **Spartacus** e **Exodus**, respectivamente.

Se nos demorámos tanto na personalidade de Dalton Trumbo é porque a sua visão do mundo e os princípios éticos que esse percurso artístico revela estão bem patentes em **Johnny Got His Gun**, o único filme que dirigiu. O argumento adapta o romance que Trumbo publicara em 1938 que, em vésperas da segunda guerra mundial, surgia como um panfleto pacifista e anti-militarista que se inspirava vagamente num caso real ocorrido durante a primeira guerra (Trumbo partiu de uma notícia num jornal de 1932 anunciava a morte de um soldado que estava internado desde 1917, fechado num quarto secreto sem que a natureza dos seus ferimentos fosse revelada: diz-se que o Príncipe de Gales saiu do quarto em lágrimas quando o viu). Logo no ano seguinte, em 1939, o livro teria uma adaptação radiofónica com James Cagney dando a voz à trágica personagem de Joe Bonham. Nos anos 60 Trumbo tentou levar a cabo a sua passagem ao cinema mas os estúdios fecharam-lhe a porta. Foi, finalmente, Gustavo Alatríste que produzia **Simon del Desierto** de Luís Buñuel, que aceitou o encargo. Trumbo e Buñuel, que eram amigos, discutiram e escreveram um argumento, que o segundo (que estava fascinado pela possibilidade de trabalhar as sequências oníricas) devia dirigir mas, entretanto, Alatríste “afundou-se” e o projecto não se concretizou. Só em 1971, através de uma produção independente de Bruce Campbell, Trumbo pode levar a cabo o filme, desta vez assumindo ele próprio a direcção. Da colaboração primitiva com Buñuel sobrevive, segundo Trumbo, uma cena (e uma cena fulcral na história): aquela em que a enfermeira (Diane Varsi) tenta cumprir o pedido de Joe, fechando o tubo pelo qual respirava, para lhe provocar a morte.

A legenda final do filme ecoa de forma sarcástica as imagens iniciais do genérico. Nestas deparamos com a boca de um canhão e uma série de imagens de militares nas preparações e manobras para o conflito. No final, após a indicação dos números de baixas, entre mortos e mutilados, que o conflito provocou, é incluída a famosa frase latina “*Dulce et decorum est pro patria mori*”. Entre ambas as cenas decorre um filme que, no melhor dos casos poderia ser apenas apontado como um dos muitos filmes “de denúncia”, com todos os vícios desse “género”. Mas **Johnny Got His Gun** transcende em muito esses limites. Sendo de “denúncia”, e é-o de uma forma brutal, contra a guerra e a favor da eutanásia (isto num filme de 1971!), nunca cai na retórica ou na prédica moralizante. Trumbo utiliza de forma hábil a montagem entre as cenas “reais”, a preto e branco, que nos mostram a situação de Joe como “tronco humano” a quem não se reconhece vida cerebral, apenas vegetativa, e as incursões oníricas de Joe no seu passado, que surge não de uma forma convencional, mas transfiguradas e marcadas pela própria condição de quem “vive”, encenadas numa perspectiva surrealizante onde também são visíveis os traços de Buñuel.

Manuel Cintra Ferreira